

# RESTAURAÇÃO INTERNACIONAL DO CAPITALISMO E A LUTA DE CLASSES NO BRASIL

---

## INTERNATIONAL RESTORATION OF CAPITALISM AND THE CLASS STRUGGLE IN BRAZIL

Douglas Rafael Dias Martins<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste texto é o de refletir sobre a particularidade da conjuntura brasileira, buscando situá-la de acordo com as desigualdades e combinações da ofensiva e do desenvolvimento das contradições na acumulação da fase neoliberal do capitalismo mundial atual. Nesses marcos, compreendemos o papel realizado pelo neoliberalismo na redução relativa dos salários, retirada de seguridades e direitos sociais, trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores de quase todo o mundo (em especial dos países de influência keynesiana de “Estado de Bem-estar social”, que as lutas socialistas e operárias haviam elevado as condições de vida, por exemplo), e a reconcentração de renda em uma classe e pequeno grupo em todo o mundo até a atual crise do século 21, iniciada a partir das “bolhas especulativas” nos EUA em 2007/2008.

*Palavras-chave:* Crise. capitalismo. restauração. luta de classes. Brasil.

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to reflect on the particularity of the brazilian conjuncture, seeking to situate it according to the inequalities and combinations of the offensive and the development of the contradictions in the accumulation of the neoliberal phase of the current world capitalism. In these marks, we understand the role played by neoliberalism in the relative reduction of wages, withdrawal of social and labor rights and security rights from workers throughout the world (especially those of keynesian influence in the "welfare state", wich socialist and working class struggles had raised living standards, for example), and the re-concentration of income in a class and small group around the world until the present crisis of the 21st century, beginning with the "speculative bubbles" in the USA in 2007/2008.

*Keywords:* Crisis. capitalism. restoration. class struggle. Brazil.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Email: [douglas\\_martins@hotmail.com](mailto:douglas_martins@hotmail.com) (2 underlines).

O objetivo deste texto consiste em buscar contribuir e debater sobre as particularidades da conjuntura brasileira, situando-a de acordo com o momento e as vias da ofensiva da financeirização mundial do capital. Partiremos assim, de uma análise da crítica da economia política e de uma concepção materialista da História baseadas, principalmente, em alguns pontos fundamentais de *O Capital* de Karl Marx: a saber, a chamada “queda tendencial da taxa de lucro”<sup>23</sup> – que é uma desmedida e contradição que diz respeito à realização do capital como totalidade, de um período de acumulação prolongada de capital baseado em um aumento da produtividade através de uma revolução técnico-científica e a uma alta tendencial da taxa de mais-valia (e com isso um grau mais elevado de exploração da força de trabalho) –, bem como da “elevação da composição orgânica de capital”<sup>4</sup> – onde as classes dominantes e proprietárias dos meios de produção aumentam relativamente o capital investido no “trabalho morto”, isto é, meios e instrumentos de produção, combinando este com uma redução da parte de capital investido em “trabalho vivo”, isto é, força de trabalho, salários e direitos trabalhistas. Essa relação e movimento históricos, como buscaremos apontar, tem por objetivo fazer com que a taxa de juros caia e diminua os custos de produção e de investimento. A partir dessas breves considerações político-teóricas, caberá localizar o atual momento vivido pela economia, ou o modo de produção capitalista, em escala mundial.

A chamada “etapa neoliberal” do capitalismo foi parcialmente vitoriosa: realizou parte considerável do papel de redução dos salários, dos custos de produção, retirada de seguridades e direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, principalmente naqueles países de economia de influência keynesiana no pós-guerra – ou aqueles “Estados de bem-estar social”<sup>5</sup>. Já em países de economia dependente e periférica, como o Brasil, houve um movimento relativamente distinto, em que embora não saísse dos marcos e princípios gerais desse “*padrão neoliberal de desenvolvimento*”<sup>6</sup>, estes foram aplicados de maneira moderada e/ou parcial. Nestes países “subdesenvolvidos”, as burguesias

---

<sup>2</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*: Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 247.

<sup>3</sup> GRESPLAN, Jorge Luis. *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 183.

<sup>4</sup> MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*: Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 189.

<sup>5</sup> NETTO, Andrei. Desigualdade em países ricos é a maior em 30 anos. *O Estado de S.Paulo*, 10 dezembro 2014. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral/desigualdade-em-paises-ricos-e-a-maior-em-30-anos-imp-,1604761>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>6</sup> MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 313.

nacionais e imperialista adotaram posturas diferentes e que se combinaram com a liberalização das economias centrais e permitiu a estas dependentes – principalmente as empresas estratégicas de capital e administração nacionais e/ou estatais – ascenderem no plano político-econômico internacional em meio ao ciclo do capital<sup>7</sup> em suas economias, como vemos hoje através de empresas como Odebrecht, JBS, Ambev (Brasil), Santander, SEAT, BBVA, (Espanha), Samsung, Kia, Hyundai (Coreia do Sul), entre outras, e suas complexas relações com o Estado e a esfera financeira. Entretanto, se até a década de 1960/70 os modelos e ciclos de produção, reprodução e acumulação do capital haviam tido um ritmo de crescimento histórico das taxas de lucros progressivo, o projeto neoliberal rompeu – ao longo de seu ciclo longo de 30 anos – com esse crescimento progressivo em sua última crise de 2007/08.

A partir do início dos anos 2010, a burguesia imperialista altera suas táticas de atuação em territórios nacionais: planos de “austeridade”, “ajustes fiscais” e “reformas” – que nada mais significam que um maior controle e redução dos gastos e déficits públicos, que haviam crescido com as políticas-econômicas intervencionistas de influência keynesiana –, assim como um maior controle dos estoques produtivos e dívidas. Vemos, assim, a partir do início dessa década um avanço desigual e combinado das políticas das classes dominantes – imperialistas e nacionais, com diferentes frações – nesse sentido, avançando principalmente nos países que possuem uma burguesia dependente e débil, mas com localizações geopolíticas e econômicas de razoável estrategicidade e relevância, como Espanha, Grécia, Argentina, Brasil, México, Coreia do Sul, etc.

### **O (não)exemplo Espanhol**

Agora, tendo em vista comparar as consequências das mudanças das táticas e da atuação das classes dominantes, tomemos brevemente as primeiras consequências e medidas adotadas pela reforma trabalhista no Estado Espanhol em 2012. Em 2017, cinco anos depois da reforma, é possível levantar que: o desemprego que era de mais de

---

<sup>7</sup> MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. *In: Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. Carla Ferreira, Jaime Osorio, Mathias Luce (Orgs.). São Paulo: Boitempo, 2012. p. 21-35.

26% da população economicamente ativa<sup>8</sup>, era quase 19% no início de 2017<sup>9</sup>; a renda per capita, que cresceu cerca de 1,1% no mesmo período<sup>10</sup>, ainda é menor que em 2008 quando atingiu a máxima histórica, apresentando como reflexo um empobrecimento dos trabalhadores, com perda do poder de compra e piores condições de trabalho especialmente para os assalariados<sup>11</sup> – bem como os não-assalariados, em especial os jovens<sup>13</sup> que em geral estão no período de estudos ou de inserção no mercado de trabalho.

Estima-se, inclusive, que nos últimos anos cerca de 1 milhão de jovens tenham deixado a Espanha por conta do desemprego e suas consequências, bem como as condições precárias de trabalho e vida<sup>14</sup>. Nota-se também, como consequência da “austeridade” e da reforma trabalhista liberalizante espanhola, uma maior concentração e acumulação de renda e lucros em poucas mãos, com o aumento da desigualdade devido à parcial proletarização da pequena-burguesia, das “classes médias” e do pequeno e médio empreendedor, conjuntamente pela queda do poder aquisitivo da classe trabalhadora. Nesse sentido, em 2017 a melhora dos dados e índices econômicos da economia da Espanha em relação aos anos anteriores, ainda são ofuscados por essa concentração, acumulação e monopolização da renda, lucros e meios de produção e reprodução de capital – favorecendo especialmente especuladores, rentistas, banqueiros,

---

<sup>8</sup> Desemprego na Espanha atinge recorde histórico. *BBC Brasil*, atualizado em 24 jan. 2013. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/01/130124\\_espanha\\_desemprego\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/01/130124_espanha_desemprego_cc). Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>9</sup> Desemprego na Espanha alcança 18,7% no primeiro trimestre. *France Presse*, atualizado em 24 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-na-espanha-alcanca-187-no-primeiro-trimestre.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>10</sup> Espanha – PIB per capita. *Trading Economics*. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/spain/gdp-per-capita>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>11</sup> MAQUEDA, Antonio; CARRETERO, Nacho. 20% da população espanhola se afasta da classe média devido ao emprego precário. *El País*, 10 dez. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/09/economia/1512844379\\_448525.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/09/economia/1512844379_448525.html). Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>12</sup> CARNEIRO, Mariana. Na Espanha, reforma trabalhista gerou empregos, mas com salários baixos. *Folha de S.Paulo*, 07 mai. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/05/1881714-na-espanha-reforma-trabalhista-gerou-empregos-mas-com-salarios-baixos.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>13</sup> GERBELLI, Luiz Guilherme. Desemprego tem nos jovens maiores vítimas e arruína sonhos de ganhos com educação. *Reuters*, 01 ago. 2017. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2017/08/01/desemprego-tem-nos-jovens-maiores-vitimas-e-arruina-sonho-de-ganhos-com-educacao.htm>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>14</sup> OLIVER, Ramón. Reforma trabalhista espanhola faz cinco anos: assim é a geração de jovens desencantados que ela deixou. *El País*, 11 jul. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/16/economia/1497635788\\_119553.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/16/economia/1497635788_119553.html). Acesso em: 28 fev. 2018.

os fundos internacionais, etc., alterando inclusive elementos na luta de classes e tendo como reflexos a luta por autodeterminação e independência da Catalunha, por exemplo.

A retirada e destruição de direitos sociais, trabalhistas, das relações de trabalho com seguridade, desvalorização dos salários, inviabilização de negociações coletivas com o enfraquecimento político e econômico dos sindicatos e organizações e associações de trabalhadores, precarização das condições de trabalho, perseguições políticas e sociais e a criminalização de movimentos e organizações sociais e de trabalhadores, etc. também foram elementos percebidos e levantados com a efetivação das políticas de austeridade e reforma trabalhista realizadas na Espanha. Nesse sentido, atualmente cerca de 300 sindicalistas estão sofrendo perseguições políticas através de processos do Estado espanhol<sup>15</sup>.

Do ponto de vista das atividades produtivas centrais e da indústria, estas continuam patinando na economia espanhola<sup>16</sup><sup>17</sup>, enquanto o que vemos das condutas e posicionamentos de partidos de esquerda como o ‘Podemos’ – o partido neorreformista em ascensão desde 2011, através do “Movimiento 15M” ou “Movimiento dos Indignados” – é uma postura centrista, de zigue zague, na medida em que rechaçaram o referendo sobre a autodeterminação do povo catalão e buscaram adotar uma “terceira via” conciliatória entre o Rei espanhol, o primeiro-ministro Rajoy e o regime reacionário constituído a partir da Constituição de 1978<sup>19</sup>, por exemplo – bem como a adoção de algumas posturas vacilantes frente às direções e papéis cumpridos pela esquerda espanhola na luta de classes desde 2014.

---

<sup>15</sup> LONGO, Ivan. Efeitos da reforma trabalhista: Na Espanha, 1 milhão de jovens deixaram o país e 300 sindicalistas têm problemas na Justiça. *Revista Fórum*, 11 nov. 2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/efeitos-da-reforma-trabalhista-na-espanha-1-milhao-de-jovens-deixaram-o-pais-e-300-sindicalistas-tem-problemas-na-justica/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>16</sup> Indústria têxtil é o setor que mais cresce na Espanha. *Portugal Têxtil*, 30 dez. 2010. Disponível em: <http://br.fashionnetwork.com/news/Industria-textil-e-o-setor-que-mais-cresce-na-Espanha.138181.html#.Wpr9X0xFyUk>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>17</sup> LARGUESA, António. Espanha trava crescimento das exportações têxteis. *Jornal de Negócios*, 10 abr. 2017. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/industria/detalhe/espanha-trava-crescimento-das-exportacoes-texteis>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>18</sup> Catalunha, um dos motores econômicos da Espanha. *Estado de S.Paulo*, blog Radar Global, 27 set. 2017. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/catalunha-um-dos-motores-economicos-da-espanha/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>19</sup> AUGUSTO, André. Catalunha: Podemos mostra uma vez mais que não é alternativa política ao capitalismo. *Esquerda Diário*, 16 out. 2017. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Catalunha-Podemos-mostra-uma-vez-mais-que-nao-e-alternativa-politica-ao-capitalismo>. Acesso em: 28 fev. 2018.

Porém a Espanha certamente não é o único país que pode ser tomado de exemplo para demonstrar as vias ofensivas da burguesia imperialista internacional após a explosão da bolha e crise imobiliária de 2007/08 iniciada nos EUA. Grécia<sup>20</sup>, Itália<sup>21</sup>, México<sup>22,23</sup>, Argentina<sup>24</sup>, Brasil, Portugal<sup>25</sup>, Irlanda, além do Reino Unido com o Brexit<sup>26</sup> e a China com a chamada “volta aos princípios” na era Xi Jinping<sup>27</sup>, apresentam movimentações distintas mas que já apareceram nos radares e mapa da burguesia internacional após 2010. Dessas lutas, no entanto, vemos em Portugal, Argentina, Grécia, além da já citada Espanha, a consolidação de parte uma esquerda – sendo que em dois desses países – Portugal e Grécia – tais alternativa já se efetivaram como governo: a Frente Ampla do Bloco de Esquerda e o partido amplo Syriza, que em qualidades e graus diferentes, cederam à austeridade<sup>28,29,30</sup>. Entretanto, é possível notar na Argentina o fenômeno e a discussão político-estratégica da Frente Única Proletária (FUP) através da FIT – Frente de Izquierda y de los Trabajadores, que busca através de

---

<sup>20</sup> CHADE, Jamil. Após sete anos, crise na Grécia vira depressão. *O Estado de S.Paulo*, 06 mai. 2017. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral apos-sete-anos-crise-na-grecia-vira-depressao,70001765685>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>21</sup> Câmara da Itália aprova plano de austeridade. *O Globo, com Agências*, 15 jul. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/camara-da-italia-aprova-plano-de-austeridade-2715578>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>22</sup> COSTA, Ana Clara; FERNANDES, Talita. O milagre mexicano: país faz reformas e mercado aplaude. *Veja*, 07 set. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/o-milagre-mexicano-pais-faz-reformas-e-mercado-aplaude/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>23</sup> SILVA, Vanessa Martina. Prometendo modernizar lei, terceirização no México consagrou precarização, diz especialista. *Opera Mundi*, 16 abr. 2015. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/40147/prometendo+modernizar+lei+terceirizacao+no+mexico+consagrou+precarizacao+diz+especialista.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>24</sup> MOLINA, Federico Rivas. Argentina vê aprofundar sua desigualdade social. *El País*, 10 jan. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/06/economia/1483732167\\_789124.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/06/economia/1483732167_789124.html). Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>25</sup> Portugal foi dos países mais atingidos pela crise. *Jornal de Notícias*, 25 nov. 2010. Disponível em: <https://www.jn.pt/economia/interior/portugal-foi-dos-paises-europeus-mais-atingidos-pela-crise-1720165.html>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>26</sup> O Brexit pode marcar o princípio do fim para a União Europeia?. *BBC Mundo*, 26 jun. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36633977>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>27</sup> GIL, Tamara. Os princípios políticos de Xi Jinping para transformar a China em uma superpotência global. *BBC Mundo*, 29 out. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41689224>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>28</sup> SORANO, Vitor. Ajuda da UE a Portugal deve provocar aumento de impostos e cortes de salários. *Opera Mundi*, 07 abr. 2011. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/11055/ajuda+da+ue+a+portugal+deve+provocar+aumento+de+impostos+e+cortes+de+salarios.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>29</sup> LENOIR, Gwenaëlle; DARCY, Marie-Line. Experimentos de esquerda em Portugal. *Le Monde Diplomatique*, 04 out. 2017. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/experimentos-de-esquerda-em-portugal/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>30</sup> Grécia: Comitê Central do Syriza rejeita proposta de dar calote no FMI. *Estado de S.Paulo*, 24 mai. 2015. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,grecia-comite-central-do-syriza-rejeita-proposta-de-dar-calote-no-fmi,1693381>. Acesso em: 28 fev. 2018.

alianças e lutas como a ocorrida na PepsiCo.<sup>31</sup>, meios que fortaleçam a ação conjunta dos trabalhadores e freie os avanços dos cortes pelas classes dominantes – como ocorreu em Julho, onde os trabalhadores argentinos conseguiram frear os anúncios de Macri sobre a reforma trabalhista<sup>32</sup>.

Em todo o mundo, desde 2008, houve, entre outros fatores, uma crescente precarização e deterioração mundial das condições e relações de trabalho, bem como dos níveis de consumo das classes dominadas, um aumento da desregulamentação financeira e produtiva mediadas pelos Estados-nacionais como instrumentos das classes dominantes, etc. No Brasil não foi diferente, onde após a ascensão das Jornadas de Junho de 2013 que denunciavam e introduziam às crises política e econômica no Brasil, o governo de Dilma Rousseff (PT) buscou reorientar sua linha política-econômica e aprovar os primeiros cortes e ajustes econômicos em 2014 e posteriormente em 2015 – que, como veremos, foram julgados como insuficientes pela burguesia imperialista internacional.

### **Alguns reflexos do cenário internacional sobre o Brasil**

Após o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciar que a economia mundial cresceria cerca de 3,9% em 2010, este também anunciou que os ajustes fiscais e os planos de austeridade poderiam ser “apropriados” apenas para economias centrais e “países desenvolvidos”<sup>33</sup>. A projeção do Fundo foi “surpreendida”, principalmente, graças ao desempenho de economias semiperiféricas como os BRIC – a China cresceu 10,3%, Índia 7,4%, Brasil 7,5%, Rússia 4,0% – entre outros. Assim, a burguesia imperialista aprofunda seus ataques após os anos 2010 principalmente através dos mecanismos e funções dos Estados-nacionais e começa a experimentar avançar sobre as economias tidas como “semiperiféricas”, uma vez que ainda não estava claro se a alta

---

<sup>31</sup> AUGUSTO, André. Tormenta impensada: trabalhadores da PepsiCo calaram reforma trabalhista de Macri. *Esquerda Diário*, 18 jul. 2017. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Tormenta-impensada-trabalhadores-da-PepsiCo-calaram-reforma-trabalhista-de-Macri>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>32</sup> Ocupação da PepsiCo na Argentina adia apresentação de Reforma Trabalhista. *Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN*, 20 jul. 2017. Disponível em: <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=8937>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>33</sup> Ajuste fiscal é “apropriado” em nações desenvolvidas, diz FMI. *Invertia*, 4 nov. 2010. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/ajuste-fiscal-e-apropriado-em-nacoes-desenvolvidas-diz-fmi,c7eea8f241d2b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 28 fev. 2018.

das taxas de lucros da economia mundial voltaria a ser retomada. Uma das caracterizações político-estratégicas por parte da burguesia que levou a avançar sobre tais países, pode estar ligado ao fato de que, historicamente, foram países que atravessaram momentos de “semirrevoluções”, “revoluções passivas” ou ainda “transições pactuadas e conservadoras”, durante seus respectivos processos de liberalização econômica – sendo, portanto, locais os quais a burguesia já realizou experiências de controle em períodos de profunda instabilidade e mudanças.

A partir de 2013, com as “Jornadas de Junho”, marca-se no Brasil o momento de ruptura político-programática da conciliação de classes levada até então principalmente pela aliança PT-PCdoB – que não à toa, vão caracterizar tais jornadas enquanto uma “ofensiva ou onda conservadora”, mesmo que estas não tivessem desde o princípio uma direção política consciente e hegemônica fosse à direita ou à esquerda. Dessa forma, sem conseguir adaptar seus programas às demandas da classe trabalhadora e da juventude, PT e PCdoB ainda assim conseguem hegemonizar parte do cenário eleitoral para 2014 seguindo a tática e retórica do “mal menor” – e vencem as eleições para o governo federal graças a uma diferença de apenas 5% representada por uma fração considerada de esquerda. Dilma Rousseff, ainda assim, diferente do discurso anti-cortes que utilizou nos debates, inicia seu segundo mandato no governo com um programa político neoliberal moderado que, representado na figura do novo ministro da Fazenda Joaquim Levy, era o mesmo que ela havia derrotado no segundo turno das eleições presidenciais contra Aécio Neves da aliança PSDB-DEM.

Dessa instabilidade e insegurança política no Brasil houve profundas consequências psicossociais na população, proporcionada por uma burocracia política que já se encontrava muito distante das reivindicações e demandas orgânicas das classes dominadas. Desse modo, a burguesia imperialista passa a reorientar seu investimento e suas ações através de seu “capital líquido” (financeiro) e impõe sua hegemonia e domínio de modo autoritário e arbitrário, descartando a função outrora bem-executada pela aliança PT-PCdoB por meio de um golpe institucional e alçando ao governo grupos, organizações e partidos que defendiam a aplicação de um programa neoliberal radical para a economia brasileira. Nesse sentido, para a burguesia imperialista que atua no Brasil, não se trata de – através do novo governo golpista – aplicar um novo modelo “ultraneoliberal”, senão de aprofundar o mesmo projeto neoliberal do final dos anos 80

e início dos 90, ou seja, radicalizar as privatizações em um país de economia dependente e semiperiférica.

Desse modo, é possível compreender que as frações da burguesia que atuam no Brasil, dividem-se, a grosso modo, em dois grandes projetos político-econômicos: a) aqueles que defendem a possibilidade de um país como o Brasil cumprir um papel em que sirva de exemplo de como se aprofundar e desenvolver as políticas de ajustes e “austeridade” em países análogos ou semelhantes (economias dependentes e [semi]periféricas); e, b) aqueles que advogam a possibilidade do Brasil execute um papel-chave na criação de uma alternativa à estrutura vigente na economia-política internacional, onde mesmo mantendo-se o modo de produção capitalista, vislumbra-se uma nova forma de “Estado de bem-estar social” como referência histórica.

### **As lutas de classes no Brasil**

Entrando nas discussões consideradas mais propriamente das particularidades das expressões das lutas de classes no Brasil – e que de maneira alguma podem se desligar das relações com a conjuntura internacional –, é possível notar como parte da expressão do projeto ainda dentro dos princípios “neoliberais” no Brasil: a família Bolsonaro, Movimento Brasil Livre (MBL), DEM, NOVO, Livres, frações do PSDB, Judiciário, frações dos proprietários dos meios de comunicação, frações do MDB (“antigo” PMDB), etc., que centram-se na defesa de privatizações de empresas estatais e públicas, na flexibilização e retirada de direitos trabalhistas, previdenciários, assim como o não reconhecimento e retirada de direitos humanos fundamentais de raça, gênero, sexualidade, etnia, imigrantes, entre outros, o desmonte e precarização de serviços públicos, etc.

Já aqueles que expressam como projeto algum interesse em criar uma alternativa ao neoliberalismo, trata-se um amplo espectro onde algumas das frações já até fizeram experiências de governo: desde o próprio PT e PCdoB, que foram aqueles que permitiram a construção e realização do golpe institucional através das políticas de conciliação de classes que, em nome de uma frágil “governabilidade”, se aliaram ao longo das últimas décadas com partidos e grupos declaradamente burgueses, até

partidos como PSol, PSTU, PCB, entre diversas organizações e movimentos de trabalhadores e juventude, que em maior ou menor grau afirmam a necessidade de superar o modo de produção capitalista.

Nesse contexto, foram protagonizadas no ano de 2017 algumas lutas pela classe trabalhadora brasileira contra os ataques do governo golpista, como a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência. Ainda que a Reforma Trabalhista tenha sido aprovada, não de maneira tranquila e sem luta por parte dos trabalhadores. Estes protagonizaram uma das maiores greves gerais da história do Brasil<sup>34</sup> no mês de Abril com diversas paralisações, greves, piquetes e cortes de rodovias<sup>36</sup>. No mês de Junho, os trabalhadores brasileiros também paralisaram as atividades nos postos de trabalho, demonstrando maior consciência de classe por parte de uma parte das direções políticas ao conseguirem efetivar uma ampla paralisação nas atividades dos transportes e das rodovias<sup>37</sup> – que são setores importantes para a reprodução do capital em um país predominantemente rodoviário como o Brasil.

A medida que as crises fiscais se evidenciam e se aprofundam nos governos estaduais ao longo do Brasil – e que tendem a se aprofundar por conta do congelamento de investimentos através da PEC 55 (241 antes), mas que já vinham sendo parcialmente aplicados desde o segundo mandato Dilma – em estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Pernambuco, Goiás, etc., com paralisação parcial ou total de serviços públicos, não pagamento de salários de servidores, aposentadorias, pensões e benefícios sociais e trabalhistas e etc., deixando mais evidente ainda a necessidade de se construir e organizar forças alternativas sócio-políticas à estratégia neoliberal. Ainda nesses marcos, cabe ressaltar a insuficiência e incapacidade já demonstradas pela aliança PT-PCdoB bem como das organizações que dirigem e influenciam, que permite abrir um campo favorável à ruptura estratégica, organizada e revolucionária do modo de

---

<sup>34</sup> Maior greve geral da história do país contou com 40 milhões de brasileiros. *Brasil de Fato*, 28 abr. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/29/40-milhoes-param-no-pais-ato-em-sp-reune-70-mil-e-termina-com-repressao-da-pm/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>35</sup> COSTA, Camilla; MENDONÇA, Renata. ‘Greve foi menor do que organizadores esperavam, mas maior do que governo gostaria’, diz cientista político. *BBC Brasil*, 29 abr. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39756026>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>36</sup> Greve geral de 28 de abril mexe com o bolso dos patrões e entra para a história do Brasil. *Intersindical – Central da classe trabalhadora*, 01 mai. 2017. Disponível em: <https://www.intersindicalcentral.com.br/greve-geral-de-28-de-abril-mexe-com-o-bolso-dos-patroes-e-entra-para-historia-brasil/#.Wpn6nExFyUk>. Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>37</sup> Contra reformas de Temer, greve mira transportes e rodovias. *Carta Capital*, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/contra-reformas-de-temer-greve-mira-transportes-e-rodovias>. Acesso em: 28 fev. 2018.

produção capitalista. Assim, reacendem-se os debates sobre a tática de “Frente Única” e as estratégias da esquerda socialista e operária.

### **Algumas contribuições de Trotski e Gramsci sobre táticas e estratégia para a luta de classes**

Buscaremos agora, a partir desses pontos brevemente evidenciados, levantar questões e contribuições que podem servir de apoio de figuras como Lev Trotski e Antonio Gramsci sobre táticas e estratégia em uma conjuntura que pode ser caracterizada como reacionária mas ainda não fascista. Cabe, assim, brevemente esclarecer a diferença qualitativa entre tática e estratégia. Para Trotski é preciso partir do pressuposto de que “*o proletariado não pode conquistar o poder através de uma insurreição espontânea*”<sup>38</sup>, sendo que por vezes tais movimentos de massas espontâneos tendem a restaurar ou conservar o poder nas mãos da burguesia. Desse modo, caracteriza que “*em política, entende-se por tática a arte de orientar operações isoladas, por analogia com a ciência da guerra; por estratégia, a arte de vencer, isto é, conquistar o poder*”<sup>39</sup>, sendo que “*a tática está subordinada à estratégia*”<sup>40</sup>. Assim, são nesses marcos que é compreendido os princípios de ações do partido revolucionário, que deve ainda se fundamentar nos princípios de reivindicação históricas da classe trabalhadora, de modo que “*o partido que não acerta o passo com as tarefas históricas da sua própria classe se torna, ou corre o risco de se tornar, o instrumento indireto de outra classe.*”<sup>41</sup>

Eis, então, a necessidade de se compreender a construção de um programa revolucionário transicional orgânico, vinculado à ditadura-democrática do proletariado<sup>42</sup> com a tática da Frente Única Proletária para a luta de classes – e não apenas como uma tática e programa eleitorais, dentro das bases do modo de produção e Estado

---

<sup>38</sup> TROTSKY, Leon. *Lições de Outubro e outros textos inéditos*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007. p. 24.

<sup>39</sup> Idem, p. 28.

<sup>40</sup> Idem, p. 29.

<sup>41</sup> Idem, p. 28.

<sup>42</sup> GRAMSCI, Antonio. The peasants and the dictatorship of the proletariat (Notes for II Mondo). In: *Antonio Gramsci "Selections from political writings (1921-1926)"*. London: Lawrence and Wishart, 1978. Disponível em: [http://marxism.halkcephesi.net/Antonio%20Gramsci/1926/09/peasants\\_dictatorship.htm](http://marxism.halkcephesi.net/Antonio%20Gramsci/1926/09/peasants_dictatorship.htm). Acesso em: 28 fev. 2018.

capitalistas, ou como tratou Gramsci sobre a “*‘solução reformista’ para o problema do Estado (governo de esquerda)*”<sup>43</sup>. De qualquer forma, a origem da “Frente Única” remete à Lenin e Trotski e a III Internacional, e foram defendidas em sequência como legado da IV Internacional e nas elaborações de Gramsci.

Cabe fazer agora, uma breve distinção entre a Frente Única Proletária e a Frente Político Eleitoral. A primeira (FUP) trata-se de uma tática inicialmente defensiva, elaborada após as derrotas revolucionárias na Europa – particularmente na Alemanha e Itália – nas primeiras décadas do século e a estabilização do capitalismo no mundo. Embora a Frente Única Proletária tenha sido inicialmente concebida após o III Congresso da Internacional Comunista (III Internacional), trata-se de uma tática complexa, possuindo diferentes aspectos e matizes de manobra – tendo, inclusive, sofrido descontinuidades pelas tradições stalinistas –, mas em linhas gerais está necessariamente subordinada à estratégia de tomada do poder político e organização e articulação internacional das ações e tarefas comuns do proletariado em uma República Internacional dos Sovietes (Conselhos Operários) como forma socialista de transição para uma sociedade sem classes e sem Estado<sup>44</sup>. A atuação na FUP implica em acordos entre as unidades e organizações das fileiras proletárias para a efetivação de lutas parciais e fundamentais em comum, seja em táticas ofensivas ou defensivas (transitando entre a defesa e o contra-ataque), de modo a buscar ampliar o espectro de influência dos partidos e organizações revolucionárias.

Já a Frente Político Eleitoral (FPE), trata-se de alianças em coligações eleitorais visando governar o Estado burguês através de políticas democratizantes ou reformistas, de modo que não se admita uma ruptura imediata com o modo de produção e a propriedade capitalistas. Nesse sentido, cabe portanto distinguir o “Governo de esquerda” e o “Governo operário”, de maneira que o segundo está nos marcos de uma ruptura transicional sob a forma de ditadura-democrática dos trabalhadores com independência política-econômica, enquanto o primeiro – um governo de esquerda – são governos, em maior ou menor grau qualitativo, de conciliação de classes, sem independência política-econômica do conjunto da classe trabalhadora frente às frações da burguesia, e nesse sentido, governando dentro dos marcos do Estado e das relações de produção capitalistas e burguesas – sem avançar para a suprassunção desse modo de

---

<sup>43</sup> GRAMSCI, Antonio. *La situación italiana y las tareas del PCI (Tesis de Lyon)*. In: *Escritos políticos (1917-1933)*. México: Pasado y Presente, 1981, p. 233.

<sup>44</sup> Esta elaboração foi votada e aprovada no II Congresso da Internacional Comunista em 1920.

produção e Estado, como aconteceu desde exemplos como o Syriza na Grécia, o Bloco de Esquerda em Portugal, o Partido dos Trabalhadores no Brasil, entre uma série de governos ditos “pós-neoliberais”.

Dessa maneira, o objetivo estratégico entre a Frente Única Proletária e o Governo Operário são indissociáveis enquanto partes constituintes de uma estratégia para vencer e tomar o poder político pela classe trabalhadora. Assim, a partir dessas concepções e bases, então, é possível “limpar o terreno” a respeito de algumas experiências históricas que acabaram derrotadas e/ou equivocadas, tomando apenas os elementos negativos e ignorando os elementos positivos desde o stalinismo até o petismo, etc. Com isso, a FUP se mostra nos objetivos comuns da luta de classes, em acordos práticos para ações de massas ou que busquem massificar as mediações (partidos, sindicatos, instrumentos e movimentos sociais, etc.) entre a classe trabalhadora e a consciência das reivindicações e tarefas históricas da classe – fortalecendo os organismos que exercem a capacidade de “acertar o passo” com o movimento e as tarefas históricas da luta de classes. Não à toa, Trotski sintetiza essa concepção através da noção de “marchar separados e golpear juntos”, reforçando que o terreno da Frente Única é a luta de classes, não apenas os acordos eleitorais, permitindo superar o estranhamento da divisão do trabalho, da política, etc. através da atuação conjunta e comum – ou denunciando em conjunto as burocracia quando estas não permitem que os trabalhadores de base avancem nas experiências e consciências, ganhando inclusive a confiança política e social destes trabalhadores em detrimento do ceticismo.

Entretanto, por outro lado, cabe deixar claro que essa noção da Frente Única afirma que são os revolucionários que têm a ganhar, no campo eleitoral que não vigoram os acordos de classe, são os partidos e organizações reformistas e centristas que têm tudo a ganhar – sendo que um bom exemplo da distinção desses princípios na prática acontece com a “Frente de Izquierda y de los Trabajadores” (FIT) na Argentina. É a partir daqui que se combinam, em uma estratégia que apreenda a síntese entre a ação conspiratória e organizada ou espontânea das massas, e combine às considerações sobre as conquistas de espaços e forças nas correlações em favor das classes dominadas e de novas relações sócio-políticas – como buscava refletir Gramsci a partir das noções

de “*Guerra de posição e guerra manobrada ou frontal*”<sup>45</sup>. Das transições defensivas para o contra-ataque ou ataque, as concepções de guerra de posição e movimento de Trotski e Gramsci ainda são hoje duas pedras prático-teóricas fundamentais para se pensar o marxismo-revolucionário de influência clausewitziano<sup>4647</sup>.

Por fim, cabe pensar, a partir dessas contribuições, para qual frente é preciso se propor a construir no Brasil, além de pensar sobre quais organizações e interesses que virão a compor uma possível Frente Única Proletária voltada para a ação na luta de classes. Dentre esta, se tornaria impossível a composição com setores anti-operários, nacionalistas e burgueses de todos os níveis, mas caberia um espaço considerável para reunir partidos, movimentos e organizações que, embora outrora tenham vacilado e/ou foram débeis em sua atuação, ainda podem representar expressões pró-proletárias. Partidos como PSTU, PSol e PCB podem apontar para a formação de uma Frente Única para a luta de classes no Brasil, visando uma unidade e acordos para além dos momentos e interesses eleitorais como são majoritariamente hoje, cabendo ainda (até o momento) um certo papel estratégico para o PSol dado que – embora sua direção apresente profundas debilidades e não seja marxista ou revolucionária – é o partido que concentra o maior número quantitativo e qualitativo de correntes e organizações proletárias.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo: USP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012. 264p.

BRUNHOFF, Suzanne de... [et al.]. *A finança capitalista*. São Paulo: Alameda, 2010. 348p.

---

<sup>45</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, volume 3*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 261.

<sup>46</sup> MAILLO, Matías; ALBAMONTE, Emilio. Trotski e Gramsci: debates de estratégia sobre a revolução no “ocidente”. *Esquerda Diário*, 18 out. 2016. Disponível em: [www.esquerdadiario.com.br/Trotski-e-Gramsci-debates-de-estrategia-sobre-a-revolucao-no-ocidente](http://www.esquerdadiario.com.br/Trotski-e-Gramsci-debates-de-estrategia-sobre-a-revolucao-no-ocidente). Acesso em: 28 fev. 2018.

<sup>47</sup> MAILLO, Matías; ALBAMONTE, Emilio. Gramsci, Trotski e a democracia capitalista. *Esquerda Diário*, 05 ago. 2016. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Gramsci-Trotski-e-a-democracia-capitalista>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996. 336p.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A finança mundializada: raízes sociais e política, configuração, consequências*. São Paulo: Boitempo, 2005. 225p.

CORSI, Francisco Luiz... [et al.] (Orgs.). *Dilemas da globalização: o Brasil e a mundialização do capital*. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007. 176p.

FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias (Orgs.). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012. 144p.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, volume 3*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 431p.

GRESPLAN, Jorge Luis. *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 256p.

HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011. 240p.

\_\_\_\_\_. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. 592p.

HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 352p.

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 420p.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011. 368p.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. 896p.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política: Livro II: o processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014. 768p.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017. 984p.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001. 624p.

TROTSKY, Leon. *Lições de Outubro e outros textos inéditos*. São Paulo: Editora Sundermann, 2007. 168p.